

JULIA CLAIBORNE JOHNSON

**QUEM
NÃO SONHA
VOAR,
ALICE
?**

Tradução de Leonor Bizarro Marques

PRÓLOGO

Fevereiro 2010

Como a carrinha explodira no incêndio, eu e o Frank apanhámos o autocarro para o hospital. Quando lhe disse que conseguiríamos lá chegar duas vezes mais depressa de táxi, o Frank ripostou:

– Só ando de táxi com a minha mãe e tu não és minha mãe, Alice.

Era um facto. E, quando o miúdo se agarrava a um facto, não valia a pena tentar convencê-lo dos aspetos práticos da questão.

– Muito bem – disse eu. – Vamos de autocarro.

Não estávamos no autocarro há muito tempo quando o Frank disse:

– As pessoas estão a olhar para mim.

– E então? Dá gosto olhar para ti. – O que também era um facto.

O Frank tinha aquele ar angelical de alguns rapazes de dez anos: pele clara, rosada e macia, uns olhos negros descomunais, com umas pestanas incrivelmente longas, e o nariz salpicado de sardas. Tinha cabelo ruivo, mas não aqueles caracóis rebeldes, alaranjados, que levam os miúdos aos anúncios de televisão, aos quatro anos, e os condenam ao ostracismo no recreio, quando crescem, tornando-se pálidos e desajeitados, aos onze anos. O cabelo do Frank era no tom de ruivo do Setter Irlandês, que é raro ver-se na vida real. Era lustroso e pesado, e caía-lhe tão bem sobre a testa, que poderia até pensar-se que tinha sempre um cabeleireiro por perto para o manter perfeitamente penteado. Os agentes de casting teriam perdido a cabeça com ele no início do *Technicolor*.

Mas não era a sua aparência física que estava a encantar os nossos companheiros de viagem – não em Hollywood, onde era tão habitual

verem-se miúdos incríveis, até nos autocarros. O que estava a prender a atenção das pessoas era o *estilo* do Frank. Antes de sair de casa, nessa manhã, empastara o cabelo de gel, estilo Rudolfo Valentino, vestira uma camisa de smoking, com uma gravata branca, colete, fraque, calças clássicas e polainas. Trazia também um chapéu alto, que equilibrava sobre os joelhos no caminho para o hospital, pois, tal como explicara ao motorista do autocarro que lhe elogiara o chapéu, à entrada, «um cavalheiro nunca usa chapéu dentro de portas».

Eu era a única pessoa dentro daquele autocarro que sabia o sacrifício que era para ele estar sem chapéu. No mundo exterior, o Frank precisava de andar todo abotoado, de cinto bem apertado e capacete, mesmo que estivessem trinta e cinco graus cá fora. Os escravos da saúde mental diriam tratar-se de uma indumentária *desadequada para a época do ano*; os aficionados da moda chamar-lhe-iam *estilo*.

– Alice, não te importas de pedir às pessoas que não olhem para mim? – perguntou ele.

– Não posso – respondi. – Fecha os olhos para não as veres.

Ele fechou os olhos e encostou a cabeça ao meu ombro. Estava a ponto de colocar um braço à volta dele, mas contive-me a tempo. Quando ele se encostou a mim, apercebi-me que cheirava ligeiramente a fumo e talvez também a enxofre. O Frank cheirava habitualmente a lavanda, rosmaninho e suor juvenil, por isso, deduzi que o fumo se entranhara no seu roupeiro ainda que o fogo não tivesse chegado lá. Teria de levar a sua roupa à lavandaria, o que me obrigaria a alugar um furgão.

– As pessoas só estão a olhar porque és o único miúdo de fato de cerimónia [= *morning suit*] no autocarro – acrescentei.

– Escolhi este conjunto porque estou de luto [= *mourning*] – disse ele. Endireitou-se no banco e virou o rosto para mim, mas continuou de olhos bem fechados.

– A tua mãe vai ficar bem – disse-lhe, esperando não estar a mentir. – Para que saibas, esse tipo de luto que nos faz sentir tristes escreve-se *m-o-u-r-r-i-n-g*. *Morning* – como em fato de cerimónia [= *morning suit*] – escreve-se *m-o-r-r-i-n-g*.

– Sou mau a ortografia.

– Toda a gente tem os seus pontos fracos e os seus pontos fortes.

– Calculo que o Albert Einstein fosse mau a ortografia – disse o Frank, encostando-se de novo a mim. – Era mau a ortografia e tinha uma péssima caligrafia, mas, apesar dessas falhas, ganhou o prémio Nobel da Física em 1921. Achas que a mãe do Einstein se ralava com a ortografia e a caligrafia dele?

– Talvez – disse eu. – As mães são assim. A sua obrigação é preocuparem-se com os detalhes, não te parece?

O Frank não respondeu e eu percebi que ele tinha adormecido. E ainda bem. O percurso ia ser longo e ele dormia sempre muito pouco. Tinha forçosamente de estar exausto. Eu, pelo menos, estava. O que tornava ainda mais difícil enfrentar o que quer que tivéssemos pela frente, no hospital. A mãe do Frank fora internada depois do incêndio, há três dias, e encontrava-se em observação psiquiátrica.

A mãe do Frank era M. M. Banning, a famosa escritora eremita.

Muito antes de se tornar famosa ou eremita, a mãe do Frank, ou melhor, a minha patroa, uma jovem desistente de uma universidade no Alabama, então com dezanove anos, escrevera *O Lançador*, uma novela que lhe valera um Pulitzer e o Prémio de Literatura Nacional, aos vinte anos. A novela convertera-se numa daquelas raridades que se contam pelos dedos e continuava a vender, trinta anos depois da sua publicação, cerca de um milhão de cópias por ano. A história girava à volta de um atraente e enigmático jogador de basebol anónimo, que deslumbrara o mundo antes de enlouquecer. Era uma história curta, escrita numa linguagem simples, e terminava com a morte de alguém – uma combinação mágica que a transformara para sempre numa obra obrigatória nas listas de leitura de todas as escolas secundárias dos Estados Unidos. Com o correr do tempo, o livro tornara-se também uma referência do infortúnio, uma metáfora útil para qualquer pessoa com uma história para contar sobre um atleta fracassado ou outra alma perdida. Uma cópia de *O Lançador*, na mesa de cabeceira do personagem, seria o bastante para que o público juntasse dois mais dois.

Tanto quanto se sabia, M. M. Banning não escrevera mais nada depois de *O Lançador*.

PARTE I

QUEM É O FRANK?

Junho 2009

(1)

– A Mimi está irritadiça – disse-me Isaac Vargas ao perguntar-me se eu estaria na disposição de ir para a Califórnia trabalhar para M. M. Banning, enquanto ela escrevia a tão almejada segunda novela. Eu trabalhara como assistente dele no ano anterior, na editora de Nova Iorque que lançara o sucesso literário de Mimi, em finais dos anos setenta. O Sr. Vargas, então editor júnior, tirara *O Lançador* de uma pilha de manuscritos não solicitados e tornara-se, desde essa altura, editor de M. M. Banning. Pelo menos, teoricamente, já que não existiram mais manuscritos para editar, depois do primeiro, nem sequer uma grande comunicação entre ambos. Na verdade, eu ainda não era nascida na última vez que o Sr. Vargas falara com ela, antes do telefonema desse dia.

– A Mimi está num aperto. Tem de escrever esta novela rapidamente – disse ele, explicando que, até o livro estar terminado, ela precisava de uma assistente para navegar na Internet e cuidar da lida da casa. – Diz que precisa de alguém inteligente e capaz, em quem possamos confiar, e eu lembrei-me de ti, Alice.

Era demasiada informação para digerir de uma vez só. *O Lançador* era o livro preferido da minha mãe. Se fechasse os olhos, conseguia ainda ver o exemplar da sua adolescência. O livro de bolso estava tão usado, que a capa parecia de tecido. As folhas amarelecidas tinham enrijecido e faltavam-lhes pequenos triângulos de papel, que se tinham tornado quebradiços, acabando por se soltar nos pontos onde ela virava os cantos das páginas. Na dedicatória, na contracapa, lia-se: *Uma obra de grande sensibilidade e profundo significado, de uma*

autora surpreendentemente talentosa. Uma das vozes estreadas desta ou de qualquer outra geração. É já um clássico.

Por baixo, havia uma foto da jovem M. M. Banning, de cabelo muito curto, ruivo, com uns grandes olhos da cor do chocolate, por trás de uns pesados óculos masculinos, vestindo um casaco de lã onde quase desaparecia. Parecia mais um pré-adolescente escanzelado com a roupa do pai do que uma jovem de quase vinte anos. A minha mãe era uma fã tão dedicada, que, ao longo de todo o secundário, por altura do Halloween, roubava os casacos de lã e os óculos ao pai para poder ir pedir doces, porta a porta, vestida de M. M. Banning. Se pudesse, creio que me teria mascarado, também a mim, de casaco de lã e óculos, mas, na altura do meu secundário, já eu não tinha um pai a quem os pudéssemos roubar.

– Ah! – exclamou o Sr. Vargas, quando lhe falei da minha mãe.
– O engraçado é que a Mimi me pediu o casaco de lã e os óculos emprestados para aquela sessão fotográfica, porque não gostou de nada do que a estilista lhe trouxe para vestir. E também pediu à pessoa que tratava da maquilhagem e do cabelo para lhe cortar o cabelo à escovinha. «O que você quer é parecer um duende», disse-lhe a mulher. «Não, o que eu quero é parecer uma escritora», respondeu-lhe a Mimi, «e não uma miúda qualquer escolhida para a corte do baile de finalistas, só para a rainha parecer mais bonita». Quando eu lhe disse que adorava a fotografia, a Mimi respondeu-me: «Sabes quem a vai detestar? A minha mãe, e isso é o que mais me agrada nela».

– E a mãe detestou?

– Acho que a mãe nunca a chegou a ver – disse o Sr. Vargas, coçando a barba no queixo e olhando através da janela. – Escuta, não contes essa história da tua mãe à Mimi. Ela tem uma relação complicada com os fãs e com a própria mãe. Acho que há momentos em que gostaria de nunca ter escrito aquela novela. A propósito, já te tinha dito que a Mimi agora tem um filho? Chama-se Frank e é a primeira vez que oiço falar dele, imagina!

No preâmbulo da última edição da obra, que comprei na livraria do aeroporto para reler durante o meu voo para a Califórnia, os académicos teciam inúmeras teorias sobre o motivo do silêncio de «uma das vozes estreadas desta ou de qualquer outra geração» – que M. M.

Banning detestava escrever; que adorava escrever, mas detestava os críticos; que se sentira sufocada por ganhar uma fama descomunal, tão repentinamente, e não queria voltar a passar pelo mesmo; que guardara uma série de manuscritos, para que estes fossem publicados postumamente, numa altura em que já não se importaria com o que pensassem acerca dela; que nunca escrevera realmente o livro e que este fora uma espécie de nota de suicídio alongada, escrita pelo seu brilhante irmão, já falecido...

Um filho misterioso que estava a criar sozinha? E nem uma alma se dignara avançar com essa informação.

Comprei também um caderno na livraria do aeroporto. Não havia grandes opções de escolha, por isso, tive de me contentar com um cor-de-rosa, com um unicórnio na capa, e um pacote de lápis de cor, presos com velcro. Deixei os lápis de cor no banco do lado, na sala de partidas do aeroporto, para algum miúdo que os encontrasse.

«Quem é o Frank?», escrevi, a tinta, ao cimo da primeira página, enquanto esperava pelo meu avião.

Aliás, quem era M. M. Banning? O nome dela tinha tanto de ficção quanto o livro, dissera-me o Sr. Vargas. O editor concluía que o seu verdadeiro nome – Mimi Gillespie – era pouco convincente e que, por isso, inventara M. M. Banning, um nome de género indeterminado, que parecia mais adequado ao presidente de um banco do que a uma desistente da universidade. Assim que o livro foi publicado e se tornou um sucesso, foi como se Mimi Gillespie morresse para todos, exceto para o Sr. Vargas, que ainda se lembrava de como ela era antes de ser famosa.

M. M. Banning vivia em Bel Air, num tipo de casa que eu só vira em revistas, até então – tinha uma fachada de pedra emoldurada por palmeiras, virada para o lado da rua, e tudo o resto era de vidro. Não era propriamente o tipo de casa que eu compraria se fosse uma celebridade obcecada com a privacidade. Interroguei-me se M. M. Banning não acordaria em certas manhãs a pensar como diabo fora ali parar.

Segundo o Sr. Vargas, nunca estivera nos seus planos acabar em Los Angeles. Disse-me que a Mimi partira de Nova Iorque aos vinte e dois anos, para monitorizar a adaptação do seu livro a um filme.

– Estarei fora apenas alguns meses – dissera ela.

De início, tudo correria bem; a versão cinematográfica de *O Lançador* ganhara uma série de óscares da Academia, um deles pelo argumento no qual ela trabalhara como consultora. A Mimi assistira à cerimónia de braço dado com o promissor ator que protagonizava *O Lançador*, um elegante desconhecido chamado Hanes Fuller, que aparecia quase sempre no ecrã sem camisa. A imprensa retratava-os como «o universo paralelo de Arthur Miller e Marilyn Monroe dos dias de hoje», porque ela usava óculos e casacos de lã, com uma aparência surpreendentemente vulgar, e ele parecia fazer questão de exhibir os músculos do peito.

Aos vinte e três anos, casara com a estrela de cinema e, aos vinte cinco, divorciara-se, mas, em vez de regressar a Nova Iorque, mudara-se para a casa de vidro e desaparecera no seu interior. Ou tentara desaparecer. Ainda não tinha acabado de desembalar os caixotes, já os seus fãs mais devotos a tinham localizado, ficando de rosto colado aos vidros a espreitar para o interior da casa. *Eu li o teu livro e sinto a tua dor, vem cá para fora brincar.*

M. M. Banning mandara erguer uma parede rebocada guarnecida de arame farpado, para manter o público à distância. Alguns fãs e um ou outro fotógrafo continuavam a rondar o perímetro na esperança... de quê? De que a solitária novelista saísse para posar como um *yeti* da literatura? De que um dia se sentisse tão sozinha, que convidasse um deles a entrar e ficassem amigos para sempre?

Quando o táxi que me trouxe do aeroporto me deixou junto do portão, fiquei aliviada por não ver ninguém de binóculos por perto e digitei o código de entrada no teclado numérico: 21 22 00 0. O portão abriu-se e eu apressei-me a entrar, subindo, contrariada, o íngreme caminho de acesso, com as malas atrás. Fiquei alguns instantes parada à porta, a apreciar a ironia da palavra «bem-vindo» inscrita no tapete de palha, aos meus pés. A minha mãe teria morrido de excitação se soubesse que eu ali estava, não fosse o inconveniente de já ter morrido.

– Los Angeles é um paraíso na Terra, Alice – dissera-me o Sr. Vargas em Nova Iorque, enquanto me rabiscava o código de acesso num

post-it. – Não podemos censurar ninguém por se deixar seduzir pelo local. Já alguma vez lá estiveste?

– Nunca – respondi.

– Toda a gente deveria ir lá uma vez.

– Quantas vezes foi lá?

– Uma – disse ele. – Escuta, eu sei que a Mimi tem fama de ser uma pessoa difícil, mas, se eu não a estimasse, não te mandaria lá. Ela vai adorar-te, se der essa oportunidade a si própria. Entretanto, não deixes que ela te assuste.

Limpei os pés no tapete e endireitei os ombros. *Não deixes que ela te assuste.* Pratiquei o sorriso. Um sorriso profissional, mas suficientemente cordial para não me dar ares de Enfermeira Ratched¹. Murmurei as frases que eu ensaiara durante o voo:

Eu sei melhor que ninguém o que é ser mãe solteira, tendo crescido apenas com a minha mãe... Não, não quero nada, obrigada. Comi no avião. Quero apenas um copo com água, mas posso ir buscá-lo, se me disser onde... Este deve ser o Frank. Só tens nove anos? Pareces muito mais velho.

Mal eu sabia.

Devo ter ficado ali mais tempo do que devia, pois foi a própria eremita a abrir-me a porta, antes que eu tivesse sequer tempo de tocar à campainha, e a perguntar-me enfaticamente:

– Quem é você? Tenho estado a observá-la através das câmaras de vigilância desde que entrou pelo portão.

Eu fiquei tão surpreendida, que balbuciei:

– M. M. Banning! Meu rico Pai Natal! – Parecia uma daquelas crianças pequenas, depois de esbarrarem com o tipo de fato vermelho e barba postiça, enquanto este fuma um cigarro, às escondidas, nas traseiras de um centro comercial, durante a sua pausa. Para ser honesta, não sei se a teria reconhecido se me cruzasse com ela na rua. Décadas depois daquela foto de capa ser tirada, o seu cabelo crescera e estava agora preso num rabo de cavalo castanho-acinzentado. Desenvolvera um grande vinco entre as sobrancelhas e a linha do maxilar

¹ Enfermeira cruel do filme *Voando Sobre um Ninho de Cucos*, de Milos Forman (1975). [N. da T.]

apresentava-se flácida. Os seus olhos, porém, mantinham a mesma incrível tonalidade, um castanho tão escuro, que a íris se confundia com a pupila. Ainda usava óculos e o casaco de lã, só que agora parecia uma bibliotecária de meia-idade e não uma escritora. Uma bibliotecária de meia-idade rancorosa, de telefone portátil em punho.

– Espero bem que seja a rapariga que o Isaac Vargas mandou – disse ela. – É que tenho o número da polícia em marcação rápida.

Nem sempre fui fã de M. M. Banning.

Confesso que, quando li o velho exemplar estafado de *O Lançador*, da minha mãe, para as aulas de Inglês do oitavo ano, não percebi o porquê de tanto alarido.

– Desagrada-me que o tipo se chame apenas *O Lançador* [=pitcher]² – queixei-me. – Porque não tem nome? – A minha mãe achava que a autora o fizera para tornar a história universal e ajudar os leitores a imaginarem-no como um irmão ou um filho. – Eu não tenho irmãos nem filhos – disse eu. – A única coisa que consigo imaginar é um jarro de água, com uma pega.

A minha pobre mãe. Ver o seu livro preferido arrasado pela sua única filha. O que posso eu dizer? A Alice do secundário preferia o Jay Gatsby³, com o sorriso e a mansão de um milhão de dólares, e com aquelas camisas lindíssimas.

Reli *O Lançador* para um trabalho do curso de Literatura do Século Vinte, quando era ainda calóira na universidade, pouco depois de a minha mãe morrer inesperadamente de uma doença de coração, por diagnosticar, e foi como se lesse um livro diferente. Dessa vez, deu cabo de mim. Cheguei mesmo a confessar na aula, depois de o terminar, que me desfizera em lágrimas.

– Entendes agora que não é a juventude, mas sim a literatura, que os jovens desperdiçam? – comentou o meu professor, secamente.

*

² Em inglês, a palavra *pitcher* tanto pode significar lançador como jarro. [N. da T.]

³ James Gatz, mais conhecido como Jay Gatsby (1890-1922). Personagem-título do *magnum opus* de F. Scott Fitzgerald, *O Grande Gatsby*, um bilionário contrabandista e herói de guerra americano. [N. da T.]

Quando M. M. Banning telefonou ao Sr. Vargas, eu estava sentada na minha secretária, do lado de fora da porta do seu amplo gabinete. Falaram durante quase uma hora. Ele não disse praticamente nada a não ser «hum-hum», «oh, não» e «lamento muito, Mimi». A conversa girara essencialmente à volta do facto de ela ter sido enganada por um agente de investimentos corrupto, que a despojara da sua fortuna e fora condenado a prisão perpétua em março, por andar a ludibriar gente rica, e muito rica, por toda a América. Em junho, M. M. Banning estava prestes a perder não só a casa, mas também os direitos de autor do seu livro, que oferecera como garantia a usurários que se apresentavam aos ricos e aos incautos como gestores financeiros.

– Eles tinham um escritório na Rodeo Drive, em Beverly Hills – disse ela ao Sr. Vargas. – Mandaram-me um carro e tinham um belo mobiliário de escritório. Eu queria acreditar que eles me podiam salvar. – Essa frase destroçou-o por completo.

– O oncologista da minha mulher também tinha um belo mobiliário de escritório – disse-me ele. Meses depois de eu começar a trabalhar para ele, a esposa morreu com um cancro no pâncreas e, nesse mesmo outono, a filha, Carolyn, ingressara numa dispendiosa universidade privada, na Costa Oeste. Ainda por cima, a editora, para a qual trabalhara ao longo de toda a sua carreira, fora comprada por um grande grupo de comunicação social.

Ao atender a chamada de M. M. Banning, o Sr. Vargas dissera que quase esperava que fosse o Departamento de Pessoal a informá-lo de que fora despedido, mas, em vez disso, M. M. Banning anunciara-lhe um segundo livro, que seria certamente um best-seller, independentemente da sua qualidade real. A sua carreira estava salva, pelo menos, por agora. E pensar que ela lhe telefonara a pedir ajuda... Mimi ainda não o sabia, mas acabara de nos lançar uma tábuca de salvação.

– Então, em que fase estás? – perguntou o Sr. Vargas, como se estivesse a falar de uma gravidez recente.

– Ainda não escrevi uma única palavra – contou-me ele que ela lhe respondera –, mas já tenho o início e o meio do livro na cabeça.

M. M. Banning tinha duas exigências muito específicas: um generoso adiantamento e uma assistente financiada pela editora,

escolhida a dedo pelo Sr. Vargas. Isto porque, segundo ela própria dissera:

– Sou péssima a avaliar o carácter das pessoas, como tão gentilmente me referiste um dia.

– Estaria esquecida de que aquilo poderia ter acontecido a qualquer pessoa? – disse-me o Sr. Vargas.

A *mim, não*, não pude deixar de pensar. A mim, nunca, pois sou demasiado cautelosa. Chata até, diriam alguns dos meus colegas do alojamento universitário, embora fizessem questão em telefonar-me para me pedir que lhes fosse pagar a fiança e tirá-los da cadeia, para que os pais não soubessem onde tinham ido parar depois de uma noite de borgia. Os mais irresponsáveis sabiam que eu estaria acordada e sóbria, a estudar. A chata salvara-lhes o coiro vezes sem conta.

O Sr. Vargas escreveu as qualificações que a Mimi lhe mencionara pretender para a assistente:

- Nada de alunas de universidades de elite, nem licenciadas em Inglês.
- Carta de condução, aptidão para cozinhar e limpar.
- Génio informático.
- Aptidão para lidar com crianças.
- Sossegada, discreta e saudável.

Antes de trabalhar com ele, eu tivera uma série de empregos reles. O tipo de empregos a que as pessoas da minha idade recorrem quando ainda não se sentem preparadas para enveredar pelas carreiras práticas para as quais tiveram, em princípio, o bom senso de se preparar na universidade. Eu tinha um curso de Contabilidade, mas ainda não conseguira decidir-me a fazer uso dele. Trabalhara como tratadora de animais de estimação, distribuidora de folhetos, empregada de bar, caricaturista de turistas em Central Park, num pronto-a-comer – de farda preta, para não dar nas vistas – e ainda como estagiária num jardim infantil.

Quando nos conhecemos, eu trabalhava numa loja de computadores, aos fins de semana, porque o meu salário de professora de Matemática, numa escola particular, não cobria a renda, a alimentação

e o seguro. Na loja tinha de usar um crachá de plástico, ao peito, que dizia: «OLÁ! SOU UM GÊNIO! PERGUNTE-ME O QUE QUISER!» Depois de passar uma hora a demonstrar-lhe como usar atalhos para gerir o seu fluxo de informação, o Sr. Vargas disse-me que eu merecia todos os pontos de exclamação do meu crachá e perguntou-me se eu queria ir trabalhar com ele.

– Esse emprego que me está a oferecer inclui seguro e subsídio de doença? – perguntei-lhe, embora nunca na vida tivesse faltado ao trabalho. E incluía mesmo. Nesse tempo, um trabalho remunerado e aparentemente glamoroso, com esses benefícios e todas as condições, era como um sonho tornado realidade, visto que os seguros contratados particularmente, para além de demasiado dispendiosos, eram difíceis de conseguir. O emprego incluía seguro, subsídio de doença e duas semanas de férias por ano. O Sr. Vargas não teve sequer de me perguntar duas vezes. Aceitei imediatamente.

Por isso, fora parar ao tapete de boas-vindas de M. M. Banning e estava a ser trucidada por «uma das vozes estrepantes desta ou de qualquer outra geração». Recuperei a compostura antes que ela chamasse a polícia.

– Eu sou a rapariga que o Sr. Vargas mandou.

Ela guardou o telefone no bolso do casaco de lã.

– Nesse caso, se achar que já olhou para mim o suficiente, é melhor ir entrando.